

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***MARCELO VASCONCELOS***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

Entrevistado - Marcelo Vasconcelos (MV)

Entrevistador - Antônio Torres Montenegro (AM)

Data - 28/02/1996

Local - Belo Horizonte (MG), na residência do entrevistado

Duração - 52min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VASCONCELOS, Marcelo. *Marcelo Vasconcelos. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 17p.

## Sumário

### Fita 1 - Lado A

Recordações da Infância; chegada a Recife (PE); o curso de medicina e o ingresso no CPqAM; a estrutura inicial do CPqAM; o trabalho com Frederico Simões Barbosa; o contato com Wladimir Lobato Paraense, em Belo Horizonte; comentários sobre Nelson Chaves; a direção no Instituto em Belo Horizonte; as linhas de pesquisa no Instituto; o curso em Jerusalém; comentários sobre a ciência em Jerusalém; sua atividade como reitor da universidade; a organização da pós-graduação na universidade.

### Fita 1 - Lado B

O período de trabalho no CPqAM; a repercussão do golpe de 1964 na universidade e no IAM; o trabalho com a esquistossomose no CPqAM; comparação da experiência de trabalho no IAM com outras instituições do Brasil; a formação como pesquisador; a ciência no Brasil e o pesquisador no Brasil.

Data:28/02/1996

### Fita 1 – Lado A<sup>1</sup>

Introdução - “...” Com o Dr. Marcelo Vasconcelos Coelho para o projeto “História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães”.

AM - Dr. Marcelo,e, quais são as memórias, quais são as recordações que o senhor tem,da, da infância?(int)

MV - Bem,mi... minha infância foi uma família, de dez, com dez, com nove irmãos, uma família de dez filhos, né? Na Paraíba.Quer dizer,eu lembro apenas que aprendi a ler,a escrever as primeiras letras todas com minha mãe, como todos lá de casa, sabe? minha mãe tinha sido professora e dez filhos,uma vida mais ou menos difícil, né? meu pai funcionário público então,foi assim minha infância.Foi normal como toda criança do nordeste,com casa com mangueira, com árvores...

AM -Isso,em João Pessoa?

MV - Em João Pessoa, em João Pessoa. Agora depois...

AM - Alguma passagem,algum acontecimento da cidade da sua infância que lhe marcou?

MV - Não.

AM - Alguma passagem do cotidiano de João Pessoa naquele tempo?

MV - Não, de fato marcou um pouco sabe o que, a família, né? Família do meu,do meu bi...do meu bisavô, que era vivo ainda,com noventa e tantos anos, o meu avô, era uma vida mais familiar,assim era uma vida pacata naquele tempo na Paraíba, né?E as idas que nós tínhamos todo verão pra praia Formosa, sabe?(...) que era uma coisa muito agradável. agora a parte mais assim de estudo, de coisas nesse tempo eu estudava mais com minha mãe, mas minha casa sempre teve muito livro, o meu pai gostava muito de livro, minha mãe também, né? Então nós começamos a ler nesse tempo, sabe?MonteiroLobato,essas coisas(...) dessa idade. Quer dizer não teve nem um fato assim, que marcasse assim decisivamente não.

AM - E é como é que era a vida de menino naquele lá, naquele período?

---

<sup>1</sup> Legendas:

(?) - trechos, expressões ou palavras ininteligíveis ou inaudíveis

(...) - pausas curtas durante a entrevista

(...) (...) - pausas longas durante a entrevista

(int) - interrupção da gravação

*italico* - palavras ou expressões citadas em língua estrangeira

“aspas” - citações, títulos de obras ou palavras inexistentes oficialmente

MV - Ah, a vida de menino era uma vida,assi, bastante desligada, do mundo, né? mais de brincadeiras,era muito... menino brincava muito, saia de casa, ia jogar bola,essas é... era uma vida muita mais,nesse ponto tranquila do, de que hoje. Porque não tinha televisão,não tinha rádio ainda nesse tempo em casa.Então, a vida era muito concentrada em conversas de família e de brincadeiras, né?

AM - Sei.E, e o senhor mora, fica morando lá até que idade?

MV - Até nove anos. Com nove anos nós saímos de recife, eu e minha família toda e viemos pra Minas Gerais.Viemos pra Minas Gerais, eram nove filhos,no caminho nasceu, a minha última irmã. É...nasceu em Três Rios,e teve que saltar do trem para re(...)pra ter o parto,minha mãe e então naquele tempo havia um ...,re,o Brasil. Era muito menor, né?Minha mãe escreveu uma carta para Getúlio. Sabe que era um, um ditador, né?Dizendo que tava difícil com a família e ela tinha dado a luz. mais um filho. ir direto pro Rio. isso não podia le...ficar. não, não. pra Belo Horizonte. disse que não podia ficar no Rio. sabe? Com quem?! Então ele respondeu que sim.

AM - E você estava se mudando por que razão?

MV - Porque meu pai foi transferido. Meu pai foi transferido e naquele tempo o funcionário público era transferido de um lugar pra outro, e ele foi transferido da Paraíba pra ser fiscal do consumo que ele era aqui no...em Minas. No começo em Ouro Preto e depois nós fomos pro Rio. Ele, ele com o cargo extra, inspetor ... coisa assim. Getúlio nomeou, mas no Rio era muito difícil a vida porque o dinheiro era pouco, dez filhos, né? E então minha mãe resolveu procurar Getúlio, né?

AM - Mas vocês chegaram a ir ao Rio?

MV - Passamos seis meses no Rio, né?

AM - Sei.

MV - Mas quando foi pra botar os meninos no colégio, a meninada, os colégios eram muito caros, e minha mãe sempre fez questão de a gente ir para os melhores colégios, sabe? Das primeiras coisas que ela pergunta :quais são os colégios...duas coisas que ela fazia muita questão, minha mãe era muito(...)assim(...) autoritária, e coisa. Essa e morar num bairro bom. Eram as duas coisas que ela sempre fazia questão. Roupas e essas coisas eram menos, né? Então estes colégios eram muito caros, Santo Inácio...aqueles colégios lá do Rio todos, São Bento. Então minha mãe, foi ela pessoalmente, sem meu pai saber e falou com Getúlio, porque tinha os Carneiro da Paraíba, Rui Carneiro que ela conhecia de lá, e lhe apresentou a Getúlio e ela foi pessoalmente falar com Getúlio e pedir, e Getúlio imediatamente transferiu meu pai pra'qui pra Belo Horizonte. sabe? Nós chegamos aqui, ficamos...

AM - Quer dizer, a família dela é dos Carneiros?

MV - Não, minha mãe é Guedes Pereira(?) Cabral(?) de Vasconcelos, sabe?

AM - Mas ela tinha essa ligação?

MV - Mas tinha porque ele inclusive, meu pai, ele morou um tempo na casa do meu pai, Rui Carneiro, sabe? Um auxílio, então eles eram muito próximos, né?(int)

AM - Sim, mas a ligação com...

MV - É, é com os Carneiros lá, sabe? é família do nordeste, subúrbio da Paraíba, Lucena, Carneiro, Guedes Pereira, Carvalho Vasconcelos, era tudo muito ligada, né? Assim, em torno de Areias, Almeida, né? Naquela região da zona da mata na Paraíba. Então nós viemos pra cá, a família toda veio pra cá, mas ninguém agüentou o frio,sabe? Porque também não havia muita condição de comprar cobertor, essas coisas, e a gente não era acostumado com o frio, né? Então, novamente, minha mãe escreveu para Getúlio. Aí foi carta, pedindo pra voltar pro Nordeste numa cidade que tivesse universidade. Porque ela queria, os filhos tavam chegando numa idade da universidade, pra cursarem universidade. Então Getúlio através do Lorival Fontes, que era o chefe do gabinete, né? Era secretário particular. não sei como chamavam naquele tempo. ele mandou uma carta: “- escolham entre Recife e Salvador. certo?” Houve uma votação lá em casa. lá em casa havia muita votação. sabe? Foi uma votação lá em casa. todos. Então resolvemos Recife. né? Aí fomos pra Recife. foi aí que a família...

AM - Vocês passaram quanto tempo aqui no Recife?

MV - Ah. uns seis meses também. e depois volta tudo pra Recife. aí lá em Recife o clima já era melhor pra gente. então nós fomos estudar. nesse tempo eu ia fazer o exame de admissão(...). Tinha dez anos. não pude fazer logo no primeiro ano porque naquele tempo era um negócio assim...só quem nascesse até maio é que podia fazer adiantado. então eu tive que esperar um ano e fiz para o Nóbrega. né? O colégio Nóbrega. né? Onde estudei todo o primário. não. todo o secundário. científico. sabe?

AM - E durante esse,esse, período?

MV - Ah. esse período foi muito bom porque nós tínhamos um(...). Aí já maiores. quer dizer que nós tínhamos uma quantidade muito maior de estudo. sabe? De colegas. Eu convivia muito com Abath. com Guilherme Abath. que era da Paraíba também. mas estava estudando lá. Eridan não. estudava no Ceará. E(...) eu acho que foi muito bom porque os jesuítas naquele tempo davam uma formação e uma. e uma possibilidade da gente ler. porque a gente não tinha muito livro em casa. né? O dinheiro não dava pra ...e era quando eu lia os clássicos, e lia, eu lia umas coisas. foi lá na biblioteca do colégio Nóbrega. Foi pra mim. foi, uma coisa muito importante.(...) Eu comecei. ia estudar direito quando terminei o se... ginásio. aí fui pro clássico. mas resolvi fazer medicina já faltando uns três meses pro concurso, vestibular. Então fiz medicina. podia fazer esse ano do clássico. podia fazer medicina também. certo? Estudei por fora as ciências. a parte que não tinha e felizmente fui bem. eu acho que tirei. parece. quarto lugar. terceiro lugar. alguma coisa no vestibular. né?Aí foi a vida de faculdade ,no Derbi ,ali...foi muito interessante .O professorado não era altamente capacitado ,a verdade é essa ,sabe ?Era um pessoal que tinha estudado na Bahia ,quase todos ,e tinha muito mais...muito pouca atividade científica ,não havia pesquisa praticamente ,né ?Foi aí que entra o Aggeu ,sabe? O doutor Frederico Simão Barbosa tinha voltado dos Estados Unidos. onde fez mestrado ou coisa assim...não sei se foi doutorado não acho que foi mestrado e estágioeliminologia,nessa parte de criação de animais de água doce então,nós procuramos,eu procurei, se é meu caso, eu procurei pessoalmente. disse que gostaria de fazer uma pesquisa,sabe? Tinha...nesse tempo eu era estudante do terceiro ano de medicina,gostaria de fazer pesquisa,ele me aceitou e eu comecei a trabalhar.Eu tinha nesse tempo mais ou menos vinte anos .Comecei a trabalhar em pesquisa. Então no outro ano eu já publiquei coisas...no começo com

ele,depois, tem aí os trabalhos todos,depois passei a publicar só e foi uma atividade muito boa naquele tempo no Aggeu Magalhães. sabe? O Aggeu Magalhães era, de fato, o lugar para quem fosse fazer esses assuntos,era o lugar melhor.Porque na faculdade de medicina. o setor de parasitologia era muito fraco.Era dos figueiredos. né? e eu lembro que eu fiz um concurso pra (...)como é? Monitor. naquele tempo,que tinha e passei em primeiro lugar e ele me chamou,o professor Figueiredo me chamou e disse: “Olhe. é a única coisa que eu, vou deixar para meu filho. se você vai ser monitor agora. você depois vai terminar assistente. não sabe?Então, meu filho. eu tô esperando que ele,que ele se forme pra ser” ...aí era certa destinação assim...hereditária,sabe?Então foi quando eu procurei Dr. Fred. que também não tinha sido aproveitado lá,sabe? ----(?)Frederico Barbosa, mas tinha conseguido com o Aggeu Magalhães pai. tinha conseguido criar esse instituto para estudo das doenças endêmicas. que é o Aggeu Magalhães. né?Foi dado depois do nome Aggeu Magalhães,Aggeu pai .  
Então foi aí ...eu acho que foi minha iniciação de fato em pesquisa, toda,foi sem dúvida nenhuma o Aggeu Magalhães,o Dr. Fred era o líder.

AM - Quando foi isso?

MV - Isso foi em 1952. Cinquenta e um. cinquenta e dois. começou em cinquenta e um.

AM - E o senhor terminou o curso de medicina em que ano?

MV -Cinquenta e quatro.

AM - Ainda tava no meio do curso.

MV - Tava no meio do curso. Eu já tinha publicado. Eu já quando me formei. eu já tinha publicado uns quinze trabalhos,uma coisa assim. sabe? Eu gostei, sempre, muito de pesquisar,sabe? E tava um assunto muito interessante, quando eu estava estudando sobre o tudo da esquistossomose,sabe?

AM - Quando o senhor entrou como era que era a estrutura do Aggeu,naquele momento,quantos laboratórios tinham?

MV -Ó, não tinha quase,eu vou dizer.Tinha o Dr. Fred. que era o chefão,foi ele quem organizou o instituto e era um parasitologista.Tinha o Aggeuzinho que tava começando a patologia e tinha um. Um(...)Dr. Bento. professor Bento. não sei se você já ouviu falar nele,ele já morreu.Era da química .Era praticamente isso. eram três laboratórios. sabe? Sendo que o de patologia era o mais fraco.Foi quando... quando eu fui pra lá. que eu fui o primeiro da minha turma. da nossa turma então foi que eu indiquei para Eridan e Abath.Naquele tempo eles não eram casados não.

Eridan e Abar porque eles eram bons patologistas,era gente de boa cabeça,sabe?

E então Dr Fred aceitou que eles fossem pra lá também. E o Carneiro, Zé Carneiro Filho, que lá também de Recife,que era colega de turma também para a parte de histologia e histoquímica ,sabe? ele ficou um tempo em Recife mas depois foi pra concurso pra ir para São Paulo. Hoje em dia ele é da USP. Autor até do livro principal que se estuda histologia no Brasil é do Carneiro,Junqueira Carneiro, todo estudante de medicina sabe, né? Pois Carneiro foi também dessa turma,dessa mesma turma.

AM - Aí ficaram, ficaram Eridan e Abath, ficou trabalhando com o Aggeu.

MV - Com o Aggeuzinho? É, e eu com Dr Fred diretamente. Eu era uma pessoa que trabalhava e Dr Fred viajava, naquele tempo, muito. de vez em quando ele tinha um Congresso e coisa, e eu de fato é que fazia uma boa parte do trabalho, sabe?

AM - E o de químico, com o Dr. Bento?

MV - É, era pra fazer mais análise das coisas da gente. sabe?

AM - Sei.

MV - Dos trabalhos da gente. era mais análise química. sabe? De que... não era um desenvolvimento da química, era mais a parte de ver água. não sei, o que lá. Essa que a gente precisa. quando se precisa de uma análise química. de uma coisa. ele fazia. Então, foi um tempo bastante rico pra aprendizagem. Teve um outro fato que foi muito importante. foi que o Dr. Frederico conseguiu(...) levar pra lá. não sei como. ele deve ter dito. sabe? Não sei como dois americanos: o Oliver e -----(?)-----, sabe? Eles e eu também tive muito contato. inclusive publiquei com o Oliver. sabe? Porque ele é um homem muito experiente em esquistossomose, né? E o -----(?)-----era muito experiente na parte de química de controle de moluscos. Então ele se ligou mais ao Bento, ao grupo da química. Embora, o cabeça mesmo era o Dr. Fred. sabe? Até pra isso, pro... essa parte inseticida, moluscicidas, tudo era, ele tinha mais conhecimento, Dr. Fred é mais culto. É mais culto, bem mais culto, sabe? Pra aquela geração Dr. Fred tem um preparo muito bom. Ele teve chance na vida de, de, logo cedo o pai lhe mandar para os Estados Unidos, essas coisas assim de..., que era um pessoal de padrão mais alto, né? Financeiro, né? E com isso Dr. Fred(...) pôde desenvolver um trabalho. Ele foi pioneiro. totalmente nessa parte de trabalho sobre esquistossomo no Nordeste. sabe? Eu participei muito como assistente dele. trabalhando com ele. mas ele foi realmente pioneiro. Nós estudávamos sobre toda a parte do, da transmissão da esquistossomose. sabe? E epidemiologia da esquistossomose no campo e naquelas zonas em que secavam. porque os riachos e os córregos secaram. os riachos. como eles chamam lá. né? Ficaram secos. E o que que aconteceria com a esquistossomose pra ela surgir depois disso? Então nós... foi um tempo muito importante porque nós estudamos uma coisa que foi(...) pioneira, totalmente que foi a estivação do sistosoma dentro do caramujo, sabe? Que depois quando voltava a água. surgia. Depois eu pude fazer um estudo de histologia mais... mais aperfeiçoado quando eu vim pra cá pra Belo Horizonte. não ainda me transferindo como diretor. eu vim pra cá a primeira vez pra trabalhar com Lobato Paraense, sabe? Que era. é um grande pesquisador de Manguinhos. esse que é um grande pesquisador de Manguinhos, sabe?

AM - O senhor veio a primeira vez em que ano?

MV - É... mil novecentos... antes de formar ainda. 1953 e ...

AM - E ficou tanto tempo aqui?

MV - Passei seis meses. cinco meses. fiquei até hospedado na casa dele.

AM - Foi?

MV - Dr. Lobato, sabe? Ele gostou de mim. eu já trazia algumas novidades de criação de caramujo, foi, fui um dos primeiros a criar mesmo. sabe? Albinos. caramujos albinos. pra fazer cruzamento. essa



coisa. Então. ele... eu me hospedei na casa dele, porque, e nesse tempo ele trabalhava em outro assunto que era o leishmaniose. sabe? Ele se interessou muito e passou a trabalhar em esquistossomose também, com moluscos, sabe? Hoje em dia eu acho que ele é o maior especialista em sistemática de caramujos. dos planomídeos(?). sobre esse grupo que é hospedeiro de doenças humanas, ele. no Brasil sem dúvida nenhuma e é um dos quatro do mundo, melhores, sabe? O Lobato. ele é de Manguinhos. é de grande cabeça, viu?

AM - Sim. aí o senhor passou esse tempo todo aqui e voltou?

MV - Aí voltei. aí, tava difícil a situação. lá em termos de ... casei, né? Tinha casado, (...) em termos de emprego... tava difícil. Então. fui convidado e fui trabalhar em fisiologia, sabe? Com Nelson Chaves, trabalhei dois. três anos com ele, Nair, Teodósio. com essa turma. mas não era minha vocação. Eu queria fazer era. quando eu estava na fisiologia. eu queria fazer fisiologia dos, dos, parasitas, sabe? eu gostava de parasitologia. Então vim pra uma bolsa aqui no ... na biofísica. lá no Rio. Estudei biofísica. Chaguinhas. com Carlos Chagas, sabe? Filho. E lá eu cheguei à conclusão que não devia continuar na fisiologia não. Nelson Chaves queria que eu fosse fazer neurofisiologia, sabe? E, eu o tinha discutido muito com ele que não queria fazer neurofisiologia, mas ele insistiu. então eu entreguei o cargo. sabe? Entreguei e disse não. vou fazer o que eu quero. porque a vida da gente é uma só. né? Aí nesse tempo eu fui convidado para dirigir o instituto aqui. Eu era muito novo nesse tempo. eu 29 anos. né? Eu dirigi o instituto aqui que tinha umas cobras. um deles era o Lobato. parece. Eu tinha estagiado com ele e estava como um dos pesquisadores do instituto. Eu disse quando fui convidado pelo Mário Pinote, que era o ministro. eu disse que queria conversar primeiro com o pessoal, que tava, que era um pessoal que eu sabia ... de peso, sabe? Eles acharam ótimo que eu viesse. aí foi quando eu me mudei, eu aceitei, por dois anos. Isso foi em (...) deixo eu ver ... em 61, em 60, não 59. Então, eu fiquei os dois anos e continuei. tava trabalhando aqui. eu fazia pesquisa e encarando... eu continuei minhas pesquisas e dirigi o instituto. Foi quando a gente organizou o instituto, o laboratório. deu uma feição um pouco diferente. Você visitando aqui, se você algum dia visitar o instituto, é muito bom. realmente muito bom e com uma produtividade enorme, sabe? Ele produz quase igual a todo Manguinhos junto, sabe?

AM - É assim?

MV - É, porque os pesquisadores são de Zigman Brener. morreu Pelegrine, morreu. né? Zigman Brener tá aí. Era Lobato. era o Chiraiver, era só gente assim de(...)

AM - Quando o senhor chegou. como, como era ?

MV - Era. tava começando, sabe? mas nós ...

AM - E quais as linhas de pesquisa?

MV - Ah. as linhas de pesquisa eram mais esquistossomose, inseticidas e molesticidas ou seja. o combate aos caramujos e aos insetos. Era genética de, de parasitas com o Chiraiver. ou seja. era geneticista. Biologia e sistemática. sobre tudo de caramujo com Lobato Paraense. Helminologia tinha Geraldo Chaia. Doenças de Chagas com Zigman Brener. eu tô dizendo assim ... o chefe da equipe. mas tem outras pessoas. muitas outras pessoas. Então eu me dei. me dei muito bem aqui eu gosto de Belo Horizonte. sabe? Me dei muito bem e a turma me recebeu muito bem e a gente foi ficando.

AM - O senhor ficou na direção quanto tempo?

MV - 11 anos.

AM - Na direção mesmo?

MV - Na direção. no instituto. Eu comecei a direção. onde tinha 29 anos e já sai com 39. quase 40. Não 28 anos eu tinha. sai com 39 anos. Sai da direção porque houve uma crise aqui naquele tempo da revolução. tal e coisa ...E a turma que a gente conhecia mais de ciência me procurou pra ver se eu teria condições de ser candidato a reitor. sabe? eu era ... tinha feito concurso pra universidade. naquele tempo não tinha tempo integral. né? Eu trabalhava no instituto como diretor. mas ganhava muito pouco. sabe? E não era obrigado a tempo integral e fiz concurso pra faculdade de medicina. onde eu dava aula,sabe? Mas como a gente tinha um convênio com as instituições. eu só saía para dar as aulas. sabe?

AM - E nesse tempo aqui. que linha de pesquisa o senhor continuou?

MV -Oh! Não. Eu comecei, eu continuei com doenças de Chagas. não. não. como é ...? Trabalhei um pouco com doenças de Chagas. mas,mas eu comecei. continuei com esquistossomose. sabe? Com os caramujos. a mesma coisa. Depois interessei umas pessoas em trabalhar nisso e(...)nós tínhamos convidado uma pessoa muito ilustre da Inglaterra. Porque o problema da Leishmaniose aqui tava muito sério sabe? No Vale do Rio Doce. Então nós tínhamos convidado o Professor Adles. Sour Adles. que era da universidade catedrática. da Universidade Hebraica. lá de Jerusalém. né? E ele veio passar seis meses aqui com a gente. Ele perguntou se eu não queria trabalhar com ele. e eu. bom... eu gosto de mudar de assunto. sabe? Então de fato comecei eu. Mair. um grupinho aqui a trabalhar em Leishmaniose com o professor Adler. Eu fiquei. ele ficou seis meses aqui. depois eu fiquei seis meses lá em Jerusalém. Foi muito bom pra mim. porque a universidade muito boa. né? Hebraica. difícil de viver porque só se fala hebraico. né? Eu não falo e não ia aprender. É como eu disse ao professor: ‘Eu não vou aprender Hebraico. porque depois pra que? É um conhecimento inútil. Porque quando eu chegar lá no Brasil eu vou ficar... Eu não sou judeu,né? Eu vou ficar procurando assim na livraria: “Tem algum livro em hebraico? Tem uma matemática? Me dá. me dá ... sabe?”’ Aí eu digo não. não vou cair nessa não. aí falava inglês somente. né? Mas nesse tempo então muito bom. porque eu vi uma ciência já mais adiantada. sabe? O nível lá de Israel é muito alto em ciência sabe? Tinham vindo,vários, lá da Inglaterra. sobretudo da Inglaterra. né? Que é um nível altíssimo. né? Também.Então, pra mim foi um aprendizado de seis meses muito importante e depois -----(?)----- . Depois disso eu voltei pra cá e comecei a trabalhar em Leishmaniose ativamente, né?Eu, um grupo, um grupo(...) trouxe uns dois técnicos Cearenses que tavam aqui,Alda e Alberto,nós começamos a trabalhar em Leishmaniose muito sobre transmissão de Leishmaniose.Nós fomos os primeiros a conseguir a transmissão experimental em Leishmaniose, sabe? Nós e poucos meses depois um homem que nós não tínhamos contato. Uma pessoa lá em Honduras (?) Britânico,sabe? Um inglês que hoje em dia mora lá em Belém, sabe?Mora em Belém. Mas foi um tempo assim...muito bom de trabalho, sabe? que nós trabalhamos muito e conseguimos publicar várias coisas em Leishmaniose. o grupo era muito bom e depois começou essa parte sistemática de fleumáticos. que é o transmissor da Leishmaniose e então uma das nossas técnicas se especializou. Hoje em dia ela é a chefe do laboratório de, de sistemática de fleumáticos do instituto aqui. Ela foi técnica minha, durante(...)não sei, 15 anos. Mas eu. como eu tava dizendo. eu fiquei nesse trabalho muito satisfeito,sabe? Mas quando me chamaram então pra ver esse negócio de reitor. então isso deu uma guinada na minha vida. tremenda. né? Porque eu entrei na lista e fui nomeado. sabe? Fui nomeado. porque eu fui lá o Passarinho. que eu não conhecia. nunca tinha visto e dizia o que é que eu

pensava da situação da universidade. sabe? E o pessoal disse: ‘Marcelo. você não vai ser nomeado de jeito nenhum. depois de você dizer isso daí.’ Eu achei um absurdo,tão prendendo os estudantes essa coisa. né?Um dia ele telefona. dois dias depois ele telefonou e disse:‘Você vai ser nomeado por causa daquela conversa.’ Sabe? E eu fui nomeado e fiquei quatro anos aqui na reitoria. então foi um tempo também. mas já mudou. eu não podia trabalhar em pesquisa ao mesmo tempo porque a reitoria é muito absorvente. né? E nós conseguimos. eu acho. um bom trabalho aqui na reitoria. O pessoal lá. isso é a memória que vai dizer lá. sabe? Mas foi um trabalho administrativo. coisa de organizar a universidade. sabe? Foi implantada a reforma. de uma maneira mais coerente. eu acho. porque manteve-se. as faculdades foram mantidas unicamente a parte básica dos estudos iam para os institutos básicos. sabe? Não se acabou como faculdade que você tinha a cinqüenta anos. a quarenta anos. todas elas continuaram e ao mesmo tempo a universidade passou a controlar,toda a parte contável e coisa... criou critérios para divisão do dinheiro entre as faculdades. quer dizer que houve muita coisa assim ... a organização dos departamentos e foi quando então nós começamos nesse ...isso foi em 71. nós começamos a organizar a pós-graduação. né? Que não existia. O Brasil não tinha um sistema formal de preparação de professores. né? Nunca teve. né? Tinha um ... outra experiência assim do Nilton Rocha. que tinha,tinha um curso de doutorado em oftalmologia. tinha uma faculdade de direito. mas não havia uma experiência formal com,como se diz, cursos. . Então nós organizamos naquele tempo trinta e três cursos de pós-graduação. né? Procuramos selecionar quais eram os grupos mais ativos. que publicavam e tinham alguma coisa e chamamos estes grupos para cada um organizar a coisa e foram organizados,e foi organizado a pós-graduação que hoje em dia é muito bem. Quase todos cursos A. basta dizer isso. quase todos cursos são A. né? E a universidade hoje em dia tem uns trinta e tantos cursos. né? Quase quarenta. Eu não sei se tem já quarenta. né? Mas é um grupo grande e a pós-graduação trouxe uma coisa muito importante. sabe? Foi a necessidade de uma pesquisa sistemática porque ou você...(int).

### **Fita 1 – Lado B**

(...) (...) mas eu então ... a pós-graduação necessitava de departamentos ativos em pesquisas. né? Isso foi uma das coisas que foi muito incentivada. a gente procurou incentivar mais. arranjar empréstimos. inclusive no BNDR e coisa assim pra ... e aqui em Minas que tem a ----(?)---- para fixar bem a pós-graduação e ter dinheiro pra pesquisa. né? Mas só era viável se os professores pudessem ficar em tempo integral. pelo menos uma boa parte dos professores. né? E foi uma luta. isso daí foi uma das lutas do tempo que eu era reitor. muito grande. pra gente conseguir que o governo aprovasse o tempo. a dedicação exclusiva para os professores que não existia. né? Às dezoito horas com o professor. Então foi quando começou a coordenação(?). nós começamos a colocar em dedicação exclusiva todos que participavam de pesquisa de pós-graduação e hoje em dia a universidade, eu acho tem 70% do pessoal em dedicação exclusiva. sabe? Isso eu acho que foi um passo na universidade brasileira. Não daqui só. São Paulo já tinha isso. sabe? Desde o começo. A faculdade de medicina de São Paulo. Mas foi um passo assim...Muito importante pra se fixar a universidade no Brasil. Eu acho que ... então eu comecei a me empolgar por esse trabalho administrativo. a administração acadêmica. né?E isso me afastou um pouco ,de... durante quatro anos. um pouco não. muito, da, da pesquisa. Mas quando terminei eu voltei para, pro, pesquisa. sabe? Voltei pra pesquisa e republicuei um caso sobre Leishmaniose. mas já tinha mais... a turma continuou trabalhando, mas depois disso nós trabalhamos muito em epidemiologia lá em Espírito Santo. sabe? Em leishmaniose. que lá tem uma região que tem muito... muita leshmaniose degumentar(?). então nós trabalhamos um bocado e publicamos também.

AM - E o senhor continuou aqui ligado a ...

MV - Ao FME? Não.

AM - A ONG e ao Centro de Pesquisa?

MV - Não. eu pedi licença ao centro de pesquisa. sabe? Porque eu voltei só ...logo que deixei a reitoria. voltei pra tirar um diretor. sabe? Não. foi mesmo! A turma veio aqui em casa e disse: “Marcelo”. Um diretor péssimo que tinham colocado. E disse: “Marcelo. se você aceitar voltar ...” Eu digo. eu volto só pra tirá-lo. depois eu passo, para adian...para outro. Então foi que aconteceu. Dois meses. três meses. eu fiquei, sabe, na direção. Tirei Zé (?) Alberto Milla(?). que tá até lá em Manguinhos. sabe? E depois passou pra Zigman Brener. Eu renunciei, sabe, e pedi licença pra ficar em dedicação exclusiva na universidade. aí desde esse tempo eu sou em dedicação exclusiva na universidade.

AM - Quanto tempo o senhor trabalhou no Aggeu. lá no Recife?

MV - Ó. no Aggeu eu vou lhe dizer exatamente. Foi(... )51,51 a 58. sete anos.

AM - E quando. e quando ...

MV - Não. a primeira parte eu não era funcionário nem era ... depois eu passei a epidemiologista. médico. né?

AM - E quando o senhor tava próximo de afastar-se do Aggeu. como é que já estava a estrutura do Aggeu. continuava da mesma maneira ou tinha mudado. tinha ampliado?

MV - Tinha ampliado. sabe? Tinha ampliado, mas ... é ... tava melhor do que no começo. sabe? Tava bem. mas o Dr. Fred já estava com outros vãos, né? Tava pensando na Organização Mundial de Saúde. ir para a organização. Ele foi pra organização. né? Mundial de Saúde. Então a saída do Dr. Fred baixou muito o nível. né dessa parte nossa. né? Agora ... a patologia ia bem. sobretudo porque Eridan tomou a frente da coisa. -----(?)----- é bom. mas ... é mais ou menos. né? Mas tinha o laboratório de análises clínicas. quer dizer que não se dedicava como Eridan. né? Eridan era mais dedicado. mas a patologia foi bem. Abar também saiu e foi pra faculdade de medicina. Danilo. patologia. Carneiro foi pra São Paulo e eu vim pra cá. Quer dizer que saiu um grupo que era no começo. era que fazia, mais pesquisa lá. Mas Dr. Fred manteve uma ligação com ... tinha uns dois técnicos lá que trabalhavam pra ele. e ele ia de vez em quando à Recife. sabe? Mesmo quando tava fora.

AM - Manteve essa ...

MV - Manteve. Depois ele foi pra Brasília ... você viu a história dele. né?

AM - Huumm... Huumm...

MV - Foi pra Brasília e eu perdi muito o contato. é lógico! Não. encontro de vez em quando. inclusive ele veio aqui pra dar curso. quando eu era coordenador da pós-graduação. sabe? Depois de ser reitor. já muito depois. e depois eu também fui diretor aqui do instituto de ciências biológicas. sabe? Mas aí eu já podia fazer pesquisa porque era no mesmo lugar.

AM - E essa época que o senhor(...) teve como reitor. alguma passagem que queira deixar registrado para a história? Algum acontecimento assim ...

MV - Científico ou ...

AM - Científico ou político.

MV - Não. política é fogo. A primeira coisa que eu fiz quando eu entrei pra reitor. eu tinha uma possibilidade de resistir. acontece isso. Meu cunhado. concunhado. sabe? Era general do exército. era o General Moricir. Foi até ... teve um tempo lá em Recife. E então eu baseado nisso. eu telefonei pro general aqui e disse: “Ó general. porque eu nomeei as pessoas que ele não gostou. sabe “? Pra(...) naquele tempo a gente nomeava a administração. não sei que lá. tinha uns cargos ... planejamento e eu nomeei pessoas que tinham sido até aposentadas em Brasília,coisa. Ele telefonou pra mim e disse: “Não gostei das suas nomeações”. E digo: “Olhe general de hoje em diante, eu nunca nomeei coronel do senhor. de hoje em diante nem o senhor nomeia aqui. nem eu lá.”Mas ele sabia que eu tinha força. que eu podia resistir e de fato eu acho que isso foi um ... o pessoal da universidade mesmo considera isso talvez,foi. o fato mais importante foi... a Universidade de Minas. depois que eu entrei ninguém foi preso. não houve nenhuma cassação. nenhuma aposentadoria tropeçou. sabe? Então ao contrário. Agente, gente que tinha sido botada pra fora. a gente chamou. sabe? Eu acho que isso foi uma coisa importante em termos de,assim,... político. né? Porque foi uma universidade que pôde manter uma resistência. Isso não é. não deve só a mim não. O espírito aqui de Minas, e nesse ponto nesse ponto de vista. um apoio político muito grande. o governador do estado. Israel Pinheiro. ele não,queria que ninguém se metesse, lá no governo dele. os militares. Tanto assim que a única polícia do Brasil. polícia militar que não foi(...) como é controlada. nomeando um oficial do exército. pra ... foi a daqui de Minas. Continuo dando... oficial de polícia. o Israel Pinheiro se negou a nomear qualquer general.

AM - E nesse período,porque, o senhor entra para ser reitor em 69?

MV - É,exatamente.

AM - Mas de 58 a 59 ...até sessenta e pouco. o senhor estava no centro de pesquisa.

MV - Ah. estava. e na faculdade dando aula. na faculdade.

AM - Na faculdade. O cenário político influi no centro de pesquisa?

MV - Não.

AM - Algum tipo de perseguição. alguma coisa em tempo de eleição?

MV - Não,não. absolutamente.Agora depois da revolução (...) não. não houve. não chegou a haver não. Inclusive tinha, dois,(...)um porteiro que era comunista. né? Eu soube da revolução pelo meu cunhado. que ia arrebentar. aí disse a ele: “Ó. você tá de férias desde ontem. Espere um aviso pra quando puder vir.” Sabe? Quer dizer que não houve assim nenhuma ...

AM - Mas quer dizer. a mudança de cenário político não influiu na vida do centro de pesquisa?

MV - Não. não. Talvez tenha influído na vida das pessoas. um pouco. mas ninguém foi preso. nada disso.

AM - Sei.

MV - Não foi uma coisa assim que abalou, assim, profundamente o centro. sabe,né? Não sei lá no Aggeu.

AM - Também lá no Aggeu não sei.

MV - É. eu acho que não houve não. Então diretamente tinha bolsa pro pessoal... Aggeuzinho.

AM - Sei(int)

AM - Durante o período que o senhor teve lá no Aggeu aconteceu de algum laboratório ter sido interditado devido à falta de recursos humanos ou técnicos?

MV - Não. não.

AM - Deixa eu perguntar outra coisa aqui. Durante o período que o senhor teve no Aggeu, quer dizer, foi um período quando o senhor se formou na pesquisa ...

MV - É. exatamente.

AM - Sua experiência de pesquisa começou aí. Quais foram assim(...) dentro da pesquisa,da, do,das pesquisas, do trabalho com esquistossomose que o senhor trabalhou fundamentalmente com esquistossomose nesse período. Quais foram os resultados mais positivos que o senhor acha que obteve nesse período?

MV - Eu acho(...) talvez o mais positivo foi o estudo da estivação,ou seja, dos caramujos, e da biologia. das formas do Sistosoma Mansonii dentro do caramujo. Esse estudo foi ... até hoje é citado ... quer dizer que foi uns estudos(...) não é só meu não. tinha uma parte minha com o Dr. Fred e outra minha só. sabe?

AM - Sei.

MV - Eu acho que isso aí foi uma das coisas importantes. Outra foi da epidemiologia da doença. como a doença se mantinha independente do transmissor. Porque tem dois transmissores importantes lá no Nordeste. Um que é muito sensível a esquistossomose. ou seja. é suscetível. como a gente diz,a esquistossomose. ao Sistosoma e outro que é muito resistente ao Sistosoma. Mas mesmo em lugares onde é resistente o contato é tão grande. o homem é tão anfíbio. vive nas,nas, margens dos córregos. Então as vezes estuda em quatro,em quatro cidades lá do grande Pernambuco. né? E mesmo nes... sendo mau transmissor. esse caramujo. ele mantém a endemia num padrão altíssimo. por causa do contato maior do homem e da falta absoluta de higiene. de qualquer trabalho sanitário. Então isso. eu acho que foi uma coisa importante porque se esclareceu melhor duas coisas: primeiro; como é que a esquistossomose se mantém nível alto do Nordeste. e segundo; que há diferenças de transmissores.

porque naquele tempo ninguém sabia que havia diferença de transmissores. Então nós fizemos uma série de estudos em que se estudava as qualidades do transmissor. se era só suscetibilidade a quantidade cercarias (?) que produzia. Cercaria (?) é o sistosoma quando é pequenininho. né? Quer dizer. esses estudos também são citados até hoje. eu acho que foram importantes. depois um outro estudo que eu comecei lá, mas terminei aqui. que eu acho que foi muito importante. esse daí. Foi o estudo de como o caramujo se defende do sistosoma. sabe? Então o estudo. com cortes seriados, de, de caramujos mostrando que as células do caramujo. onde a espécie não é muito suscetível. não é muito sensível ao sistosoma. que essas células cercam o, a lavazinha e matam. sabe? Isso eu acho que foi um estudo também muito importante. em termos assim de(...) de importância. talvez seja. é. E também um estudo, também que foi importante com o Dr. Fred. foi o estudo da imunidade. dos caramujos. né? Se eles têm ou não imunidade. Se eles depois de ter um contato com o sistosoma. eles passam a ter imunidade. Que a gente viu que não. Quer dizer que foram estudos nesse sentido. sabe?

AM - Quer dizer que de alguma forma o Dr. Fred foi o seu parceiro. o seu mestre?

MV - Dr. Fred foi o meu mestre. ele foi de fato quem me iniciou na pesquisa... tudo isso. né?

AM - Agora me diga uma coisa. o senhor teve a oportunidade de comparar a experiência de pesquisa e de ser pesquisador no Aggeu com outros lugares no Brasil e fora do Brasil?

MV - O Aggeu naquele tempo ...essa pesquisa biológica básica. que o Dr.Fred trouxe de lá e ... era tão bom quanto qualquer lugar. nessa biologicamente (...). Mas não tinha(...) a parasitologia foi se sofisticando. a verdade é essa. sabe? Então entrou imunologia. outras coisas que lá nós não tínhamos. isso. não tínhamos especialistas. sabe? O máximo que nós chegamos. inclusive eu tenho alguns trabalhos sobre, em leishmaniose com Eridan. o máximo que nós chegamos foi compreender bem a doença e a transmissão. Mas. mais do que isso foi muito pouco. porque não havia recursos. não era recursos de material. recursos humanos para fazer. Já nesses outros centros. a gente vê, que, aqui mesmo era bem mais adiantado. sabe? Nesse tempo. Agora o Aggeu parece que tá muito bem. né? O Eridan me disse. né? ...

AM - É...

MV - ...Com a vinda dos japoneses e coisa. Sabe? Tá muito bem. mas aqui era bem mais desenvolvido porque aqui entrava mais genética. Tinha mais gente preparada e nós éramos iniciantes. Dr. Fred era que era mais ... entendido? Mas nós éramos iniciantes. então numa escola. como eu disse no começo. que não achava que dava uma formação, assim, científica adequada. moderna. Não dava de jeito nenhum. né? Tinham professores tradicionais. Era boa a escola para formar um médico. desde que eles depois saíssem pra se especializar.

AM - E... Qual... Depois (...)sua formação como pesquisador. passou por universidades fora. o senhor falou que passou seis meses em Jerusalém. Fora esse período em Jerusalém ...?

MV - É. Eu tive uns dois meses em Londres. passei ...

AM - Agora esse período em Jerusalém. seis meses em Jerusalém. há algum acontecimento. alguma coisa importante?

MV - Há, foi muito importante. foi muito importante porque eu vi o começo de trabalhar com imunologia. com métodos mais sofisticados. Tanto assim que eu me senti perdido no começo lá. pra você ver como é a pessoa que sai ... me senti perdido pra acompanhar. não era curso não era pesquisa mesmo. porque eram coisas que eu nunca tinha visto. sabe? Então o nível de lá era bem mais alto. Em Londres também. é bem mais alto. Londres então era bem mais alto. ainda é. sabe? Na Organização Mundial de Saúde nós tínhamos sempre muito prestígio. os brasileiros, sabe. Eu fui acessor da Organização um bocadinho de tempo. né? Na parte de esquistossomose e depois Leishmaniose. sabe? Mas nós éramos mais respeitados porque nós tínhamos o problema. Ou seja. os problemas eram aqui no terceiro mundo. Então nós tínhamos pra mostrar. a realidade. nós tínhamos tudo. né? Mas o desenvolvimento mesmo mais avançado, do, do combate. medicação nunca houve. o Brasil detesta medicamentos feito fora. né? Não tem ainda. Agora tá começando em alguns centros. sabe? A produção de, baseada em plantas e coisas... aqui mesmo tem. em São Paulo. Mas não é uma atividade assim ... rotineira. A ciência no Brasil. ainda é muito atrasada. A gente pensando bem. o Brasil não contribuiu com mais do que 2 % ou 1% e tantos por cento da ciência mundial e, no entanto, é a nona ou oitava. mas não contribui. Então nossa formação tem que melhorar tremendamente e... agora eu acho que nesse sentido tá se fazendo uma coisa boa. sabe? Né só de agora não. já faz alguns anos. O Brasil mantém anualmente uns mil e tantos professores universitários em grandes centros. E passam quatro anos. três anos. e quando eles voltam eles trazem outra... há um perigo de um lado. né, que a pessoa volta pensando só nos problemas de lá. sabe? Mas há uma vantagem se a pessoa sabe adaptar de que volta tecnicamente melhor(...). Não sei se você assim em história tá ...

AM - Sem dúvida.(int) Dr. Marcelo eu queria agradecer ...

MV - Não. não tem que agradecer não. Eu é que agradeço o trabalho de você vir até aqui.

AM - O que é ser pesquisador no Brasil. porque quando eu estou perguntando isso é ... é um pouco assim... quer dizer. é, uma, algo que digamos assim( ...) talvez até como ser professor. não é uma coisa socialmente que se atribua o valor. valores tradicionais. os valores tradicionais. Quer dizer. o que é que faz alguém se dedicar à pesquisa. um trabalho tão voltado para um conhecimento. onde o objetivo maior é o conhecimento?

MV - Eu acho. sabe? Que nesse ponto há uma diferença muito grande de lugares do Brasil. Eu vejo em Recife. que eu conheço bem. comparando aqui com Minas. com São Paulo. com Rio. Há uma diferença muito grande. O pesquisador aqui é bem considerado. Tem prestígio social. Você ser pesquisador de uma universidade é uma coisa importante e outra coisa. os pesquisadores aqui em São Paulo. no Rio. Paraná também. Rio Grande do Sul. eles quando são dedicação exclusiva. eles são dedicação exclusiva. sabe? Ou seja. eles trabalham só nisso e trabalham o dia todo. sabe? A pessoa vai de manhã. almoça às vezes na universidade e vai até às cinco horas. seis horas. sabe? Isso ... então já há uma profissionalização do pesquisador e isso eu acho uma coisa muito importante. Lá em Recife tem uns grupos. Eu sei que tem uns grupos de física. por exemplo. É muito bom. Tinha os Apalar. naquele tempo. que trabalhava muito. morreu. né? Morreu. né? Os Apalar. Da anatomia que até estudou aqui. aqui em Belo Horizonte. mas em muitos setores lá não é comum isso. A pessoa se dedicar realmente. ser a profissão principal da pessoa. Aqui você ser professor e pesquisador. porque não há essa distinção. sabe? O professor em tempo integral é um pesquisador. Ele, que é, que ele vai fazer com o tempo dele. né? Ele tem que não só repetir o que existe, ele tem que criar. né? Procurar criar. Então isso daqui já está ficando rotina. Eu acho que no Brasil nesse ponto há uma evolução enorme. sabe? É que a pesquisa tá entrando(...) dentro das universidades. e a universidade é que produz o grosso da pesquisa.



no Brasil é preciso que se diga isso. Tem vez que se faz em Manguinhos. não sei que lá. mas o grosso das pesquisas é feita nas universidades e a pesquisa da universidade hoje em dia tá melhorando tremendamente de padrão. Com a ida de gente pra fora e a volta e com pessoas de fora que vêm pra cá. Isso eu acho muito importante. sabe? Então tá ficando profissionalizada a pesquisa e já não é vergonha você dizer que é professor ou pesquisador.